

FOTOGRAFIAS DE SI E DOS OUTROS: A PRESENÇA FEMININA NOS REGISTROS VISUAIS DE HILDEGARD ROSENTHAL NA CIDADE DE SÃO PAULO NOS ANOS 1940¹

MARIA CLARA LYSAKOWSKI HALLAL¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – clarahallal@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como início um “encontro” que tive com a obra da fotógrafa Hildegard Rosenthal. Explicando melhor, estava na cidade de Paris, França, fazendo um curso de francês e sendo uma autêntica *flâneuse*². Em um desses momentos, visitei uma galeria de arte, denominada *Jeu de Paume*, localizada na *Place de la Concorde* e pude visitar a exposição *Hildegard Rosenthal: vie et travail*³.

A mostra continha fotografias de Hildegard Rosenthal e observei que eram imagens do Brasil, a maioria da cidade de São Paulo, da década de 1940. E o mais interessante é que a narrativa visual evidenciava registros da urbe, mas também dos habitantes e transeuntes dessa cidade. Além disso, questões técnicas, como enquadramento, luminosidade e planos também chamaram minha atenção.

Constatei que nos anos 1940, no Brasil, as técnicas fotográficas eram voltadas para a confecção de cartões postais, momento em que os fotógrafos, a maioria contratados por empresas estrangeiras, registravam o avanço e modernização das cidades (COELHO, 2012). Dessa forma, analisando os registros visuais de Rosenthal entendi que eram diferentes e inovadores dos já existentes no país.

Avançando na pesquisa, já tendo ingressado no doutorado em história da UFPEL, pesquisei que Hildegard Baum nasceu em 1913, na Suíça, mas passou a infância com seus pais alemães em Frankfurt. A sua juventude foi marcada pela República de Weimar, período que permaneceu de 1918 até o início do regime nazista (1933). Momento marcado por dificuldades econômicas mas também houve tentativas da Alemanha de se reorganizar economicamente, incluindo reflexo de renovação nas artes e culturas alemãs, com a criação de correntes artísticas, como a Nova Objetividade (*Neue Sachlichkeit*) que entendia que as fotografias deviam ser obtidas de forma mais próximas do real. Ainda dentro desse conceito, tinha a linha Nova Visão (*Neue Vision*), cujo representante era o fotógrafo László Moholy-Nagy (1895-1946), que possibilitava a inserção de técnicas criativas na fotografia, como enquadramentos inclinados, imagens obtidas de baixo para cima ou o inverso, que possibilitavam que o espectador visse o mundo sob múltiplas, não somente uma única visão ou ângulo das situações (FIOCHI, 2020, p.38).

Nesse período Hildegard frequentou cursos de fotografia, incluindo com Paul Wolff, famoso fotógrafo da época e seguidor da Nova Visão. Muito do seu ato de fotografar a urbe e os habitantes da urbe paulistana deve-se ao período de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

² O flâneur ou flâneuse (feminino), para Walter Benjamin é quem observa a cidade, seus cidadãos e o cotidiano da cidade com um prazer quase voyeurístico

³ Hildegard Rosenthal: vida e trabalho (tradução da autora).

efervescência artística que viveu na Alemanha. Depois desse momento, a jovem fotógrafa passou algum tempo na França, onde conheceu seu futuro marido, Walter Rosenthal, judeu e o motivo para imigrar para o Brasil, visto que a ascensão de ideias antissemitas crescia na Europa. Assim, em 1937, Hildegard Baum chega ao Brasil e logo torna-se Hildegard Rosenthal.

Acredito que o contexto da formação da fotógrafa é necessário para compreender seu modo de fotografar e também é necessário situar o Brasil nos anos 1940, período em que Rosenthal atuou profissionalmente. Para isso, a autora Maria Beatriz Coelho, situa que a cidade de São Paulo, local de moradia e predominância da atuação profissional de Rosenthal, estava, no período, passando pela modernização e crescimento industrial, muito devido a exportação do café. E em 1920 a cidade possuía 580.000 habitantes, e um terço era de imigrantes. Entre 1929 a 1945 a região urbana da cidade adquire “status” (não oficial) de metrópole (COELHO, 2012). Então é nesse cenário que Hildegard Rosenthal chegou ao Brasil e, mais ainda, que registrou a cidade de São Paulo e principalmente, o que a difere dos demais fotografos da época, era o registro da presença humana nas ruas, como as mulheres flinando, trabalhando, esperando o bonde, são alguns dos exemplos imagéticos obtidos pela fotógrafa.

Quando Rosenthal se propõe a representar a presença da mulher de classe média na cidade, por exemplo, ela contrata modelos. Como se fosse uma encenação da presença feminina na cidade de São Paulo, ou uma tentativa de se mostrar como habitante, transeunte e também fotógrafa naquela urbe. Também ela registra autorretratos em seu ambiente doméstico: trabalhando, fumando, tomando café. Em muitos momentos, as atividades acontecem simultaneamente.

Fazendo uma correlação com as questões de gênero, visto que elas estão presentes desde o ato de fotografar de Rosenthal até a análise imagética feita pelo investigador, trago os conceitos de Butler (1990), que vai salientar que os sentidos construídos sobre os gêneros femininos e masculinos, isto é, homens e mulheres, devem ser analisados em forma de perguntas e não em categorias fixas. Desse modo, a autora entende que o sexo é culturalmente construído e que “torna-se impossível separar “gênero” das interseções políticas e culturais em que é produzido e sustentado” (BUTLER, 1990, p.134).⁴ Percebo, dessa forma que mais do que ser mulher, a questão é os sentidos que são produzidos. Como no caso de Rosenthal, a fotografia foi um dispositivo envolto por uma rede de relações e possibilidades; seu gênero, condição de imigrante e até mesmo a pouca presença feminina, até então, nas fotografias das cidades, deve-se levar em conta.

Dessa forma, a pergunta e ser respondida nesse trabalho é: A partir das fotografias de Hildegard Rosenthal, de que maneira seu olhar como fotógrafa imigrante registrou a presença de outras mulheres, incluindo seus autorretratos, na urbe paulistana? Para investigar essa problemática, entendo que, conforme PERROT (2007), é necessário entender que é recorrente o fato das mulheres serem silenciadas, seja porque seus trabalhos não são divulgados, expostos ou dão preferência aos homens. Caso da fotógrafa estudada, visto que só foi ter reconhecimento na década de 1970, quando teve seus trabalhos expostos no Museu de Arte Contemporânea em São Paulo e, posteriormente, ganhou o prêmio como melhor fotógrafa da Bienal de São Paulo em 1977.

⁴ No original: “it becomes impossible to separate “gender” from the political and cultural intersections in which it is produced and sustained”.

Para responder o questionamento, apresento o objetivo, que é entender como Hildegard Rosenthal, mulher imigrante, fotografou e revelou a presença feminina na urbe da cidade de São Paulo, na década de 1940.

2. METODOLOGIA

A pesquisa ainda está sendo desenvolvida, visto que estou no segundo ano do Doutorado, mas, já estabeleci o corpus que vou analisar. Serão 80 fotografias, divididas em categorias como: autorretratos, artistas, transeuntes (trabalhadoras, pegando o bonde, caminhando), e ensaios encomendados. E também uma entrevista que a própria Hildegard Rosenthal fez em vida e também com seus descendentes, filha e neta.

Para analisar as fotografias, obtidas no Instituto Moreira Salles (São Paulo), criei uma metodologia dividida em dois momentos. O primeiro foi baseado nas questões técnicas das fotografias, sendo denominado “Processos técnicos fotográficos”. Após essa observação, foram feitas considerações com base nas ideias, vivências, métodos e bibliografias sobre o período, denominado “Processos interpretativos fotográficos”.

Em relação às entrevistas, entende-se que a História Oral não dá voz. O que se faz desse conhecimento, é que dará o sentido. O uso que se faz da entrevista e os sentidos que serão atribuídos é que irão gerar o conhecimento (MEIHY; HOLANDA, 2007). Assim, questões podem ser elaboradoras: como era a relação da fotografa com outras profissionais femininas e também fotógrafos masculinos, se sofria machismo, discriminação por seu sexo ou origem, visto que era casada com um judeu, em um país que em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, entrou em guerra contra os países do Eixo, incluindo a Alemanha. Dessa forma, as duas metodologias: a da análise fotográfica e a de História Oral irão me auxiliar a investigar o problema de pesquisa do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após os quase dois anos do curso de Doutorado, entre disciplinas, construção de artigos, publicação em revistas e livros, além da apresentação em eventos, pude chegar a alguns resultados da pesquisa. Até o momento, do corpus de 80 imagens, analisei 20 fotografias de Hildegard Rosenthal, especialmente as denominadas autorretratos, momentos em que ela mesmo se fotografa, e as do ensaio denominada “Nova Mulher!”, em que a fotógrafa contrata uma modelo que está agindo como uma flâneuse, passeando, olhando as vitrines, admirando e sendo admirada. Entendo, nesse momento, que esse último conjunto de imagens é uma representação da mulher de classe média, onde Rosenthal se vê e representa, de alguma forma. Também já transcrevi e analisei a entrevista que a fotógrafa forneceu para pesquisadores da fotografia, ao Instituto da Imagem e do Som (MIS), em 1981.

Até o momento, as 20 fotografias analisadas evidenciam que a fotógrafa chegou ao Brasil com um entendimento e poder de compreensão da imagem muito inovador, seja nas questões técnicas, como enquadramento e utilização da luz. Ou nas questões subjetivas, de se fotografar em seu ambiente de trabalho mas que também era o doméstico, visto que ela não possuía um estúdio, apenas um pequeno quarto em que revelava e trabalhava nas suas imagens.

O olhar de Hildegard era moderno, assim como era a cidade de São Paulo no período, utilizou novas formas do uso da luz natural, sem a presença de flash e



registrava o dia a dia, pessoas comuns, dando ênfase a detalhes, cortes e enquadramento fotográfico. Na entrevista analisada, também pude observar que a fotógrafa, mesmo em um meio predominantemente masculino, visto que poucas mulheres fotografavam na época, não sentiu dificuldades. Ou se sentiu, as ignorou e continuou realizando seu trabalho. Por último, ela registrou que o fato de suas fotografias, em alguns momentos, não serem tão nítidas ou perfeitas, foi proposital, visto que o que a interessava era a vida presente nas fotografias.

Fazendo uma correlação entre as fotografias e a entrevista analisada, compreendo que o conjunto visual de Hildegard Rosenthal foi o resultado do fato de ser mulher e estrangeira em um país novo. Dessa forma, aplicou seus conhecimentos técnicos fotográficos obtidos na Europa, mas, também, utilizou a fotografia como forma de redescobrir um novo país e especialmente uma nova cidade, que crescia e se expandia na década de 1940. E a forma de registrar a presença feminina na cidade foi uma tentativa de se ver e ser vista naquele lugar que em determinados momentos podia ser hostil, ou, em outros, hospitaleiro para uma mulher imigrante.

4. CONCLUSÕES

Compreendo que o leitor, seja estudante, pesquisador etc, ao ler esse trabalho poderá ter novos entendimentos da fotografia na cidade de São Paulo nos anos 1940. Obviamente é um recorte, mas definido, sobre como era a profissão de uma fotógrafa imigrante na cidade de São Paulo no período destacado, e além disso, como seus registros visuais modificaram a história da fotografia, seja com a inclusão de novos elementos, como o autorretrato doméstico, ou fotografar mulheres transitando, sem pose, no centro da cidade ou até mesmo um ensaio visual, onde registra uma mulher, de classe média, como uma forma de demarcar a presença feminina na urbe paulistana da década de 1940.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro:

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Feminism and the Subversion of Identity. Routledge: New York, 1990.

COELHO, Maria Beatriz. **Imagens da nação**: brasileiros na fotodocumentação de 1940 até o final do século XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007

Tese/Dissertação/Monografia

FIOCHI, Marco Aurélio. **Cidade, indústria e modernidade na representação fotográfica de Hans Günter Flieg (1940-1960)**. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2020